

VICTOR ROBERTO CIACCO DA SILVA DIAS
E COLABORADORES

PSICOPATOLOGIA E PSICODINÂMICA
NA ANÁLISE PSICODRAMÁTICA

VOLUME IX



PSICOPATOLOGIA E PSICODINÂMICA NA ANÁLISE PSICODRAMÁTICA
Volume IX

Copyright © 2024 by autores
Direitos desta edição reservados por Summus Editorial

Editora executiva: **Soraia Bini Cury**
Edição: **Janaína Marcoantonio**
Capa: **Alberto Mateus**
Revisão: **Michelle Campos**
Diagramação: **Pablo Moronta**

Editora Ágora

Departamento editorial
Rua Itapicuru, 613 – 7ª andar
05006-000 – São Paulo – SP
Fone: (11) 3872-3322
<http://www.editoraagora.com.br>
e-mail: agora@editoraagora.com.br

Atendimento ao consumidor
Summus Editorial
Fone: (11) 3865-9890

Vendas por atacado
Fone: (11) 3873-8638
e-mail: vendas@summus.com.br

Impresso no Brasil

Sumário

APRESENTAÇÃO, 7

1. O adolescente e sua adolescência, 11
Victor R. C. S. Dias
2. A psicodinâmica das divisões internas, 29
Virgínia de Araújo Silva e Victor R. C. S. Dias
3. A psicodinâmica da depressão
na análise psicodramática, 53
Victor R. C. S. Dias
4. O transtorno bipolar na análise psicodramática, 61
Virgínia de Araújo Silva
5. A psicoterapia de casal para casais homoafetivos, 77
Elizabeth Grecco
6. A conduta medicamentosa em crianças
e adolescentes jovens, 97
Celso Azevedo Augusto e Katia Pareja

7. Um estudo comparativo entre a teoria da análise psicodramática e a teoria de outras escolas psicoterápicas , 145
Ana Elisa Barbosa de Carvalho Fernandes
8. O manejo psicodramático da defesa de personagens, 161
Victor R. C. S. Dias
9. A abordagem da identidade sexual indiferenciada nos adolescentes, 175
Victor R. C. S. Dias
10. As técnicas de espelho na análise psicodramática, 181
Ana Elisa Barbosa de Carvalho Fernandes
11. O psicodrama interno, 201
Victor R. C. S. Dias
12. A sensibilização corporal, 211
Victor R. C. S. Dias
13. O mecanismo de cura pela abordagem direta da zona de exclusão, 223
Victor R. C. S. Dias

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS, 231

Apresentação

Caro leitor,

Neste volume IX da coleção *Psicopatologia e Psicodinâmica na Análise Psicodramática*, apresentamos alguns capítulos inéditos e outros com reformulações de temas já abordados.

No Capítulo 1, faço uma revisão extensa da visão da análise psicodramática sobre o adolescente e sua adolescência. Reforço a presença, nessa fase, de angústias patológicas, circunstanciais e existenciais; e descrevo o fenômeno da identidade sexual indiferenciada, comumente observado nos jovens de hoje.

No Capítulo 2, Virgínia de Araújo Silva e eu revisamos em detalhes todas as divisões internas, algumas com nova nomenclatura, que fazem parte da principal estrutura de psicopatologia da análise psicodramática.

No Capítulo 3, descrevo as duas grandes depressões que acontecem durante a psicoterapia: a depressão de arrependimento e culpa, ligada à segunda zona de exclusão, e a depressão da falta, ligada à primeira zona de exclusão.

No Capítulo 4, Virgínia relaciona os quadros de patologia bipolar e defesas maníacas e hipomaníacas da psiquiatria clínica com o entendimento psicopatológico e psicodinâmico desses quadros na análise psicodramática. Também revisa o conceito de depressão da psiquiatria clínica com base nos conceitos de depressão neurótica, depressão de constatação e depressão da falta da análise psicodramática.

No Capítulo 5, Elizabeth Grecco descreve, no contexto da psicoterapia de casal e família, as situações mais recentes de casais homoafetivos e famílias homoafetivas (casais homoafetivos com filhos). É um tema atual, ainda sem tradição, portanto o vínculo de conveniência tem que ser muito mais trabalhado do que nas terapias de casais tradicionais.

No Capítulo 6, Celso Azevedo Augusto e Katia Pareja apresentam a abordagem medicamentosa nas psicoterapias de crianças e adolescentes. Katia classifica as principais situações e sintomas que necessitam de uma abordagem medicamentosa, enquanto Celso apresenta as principais drogas e respectivas dosagens que devem ser utilizadas, tanto por crianças como por adolescentes, incluindo psicoterápicos — um guia muito útil para psicólogos e terapeutas que não têm receituário medicamentoso.

No Capítulo 7, Ana Elisa Barbosa de Carvalho Fernandes apresenta um estudo comparativo entre as abordagens psicoterápicas da psicanálise, das terapias cognitivo-comportamentais e das psicoterapias existenciais e a psicoterapia da análise psicodramática.

No Capítulo 8, abordo e sistematizo o trabalho das defesas de personagens, tanto nos quadros esquizoides como nos quadros ingeridores, bem como das figuras de mundo interno indiscriminadas das divisões internas esquizofrênicas.

No Capítulo 9, abordo o tema da identidade sexual indiferenciada dos adolescentes atuais, dando ênfase à aceleração da discriminação dos modelos preexistentes e dos modelos idealizados. Aproveito para apresentar em mais detalhes a técnica do átomo em forma de tribuna, com a sistematização das entrevistas que devem ser conduzidas.

No Capítulo 10, Ana Elisa sistematiza as técnicas de espelho utilizadas na análise psicodramática.

No Capítulo 11, retomo o tema do psicodrama interno, atualizado e com exemplos.

No Capítulo 12, retomo o tema das sensibilizações corporais, atualizado e com exemplos.

No Capítulo 13, abordo o mecanismo de cura pela abordagem direta do material excluído, diretamente das zonas de exclusão.

Agradeço a todos os que colaboraram para produzir este livro e à minha secretária, Karla, por sua dedicação e paciência na digitação destes textos.

Uma boa leitura a todos!

Victor

1. O adolescente e sua adolescência

Victor R. C. S. Dias

Na análise psicodramática, consideramos adolescência a fase que vai da *puberdade* até o final do *desenvolvimento da identidade sexual*. Esse período ocorre mais ou menos entre os 12 e os 18 anos, dependendo da pessoa. É um momento turbulento, tanto para o adolescente como para seus pais ou responsáveis, e apresenta um conjunto bastante diversificado de eventos.

Com relação ao *conceito de identidade*, é um período de grande transição. Lembremos que o conceito de identidade da criança está nas mãos de seus pais ou responsáveis. São eles que determinam o *projeto de vida* da criança. O projeto de vida é o *plano diretor que norteia a vida do indivíduo e dá significado a suas ações e atitudes*. É durante a adolescência que, pouco a pouco, a determinação do projeto de vida passa do controle dos pais para o controle e a decisão do adolescente.

Essa mudança do comando é desejada tanto pelo adolescente como por seus pais ou responsáveis. Contudo, não é tarefa fácil e nem sempre existe acordo quanto ao rumo que o adolescente resolve dar ao — agora seu — projeto de vida.

Muitas vezes, os pais ou responsáveis não concordam com as diretrizes que o adolescente começa a traçar para a própria vida. Essa resistência dos pais é compreensível, pois até então o projeto de vida do filho era dirigido por eles. Essa transição pode ser ainda mais difícil quando o rumo que o jovem começa a tomar é muito diferente do que o que os pais tinham planejado para ele. É uma fase turbulenta, cheia de discussões, tentativas de convencimento de ambas as partes, chantagens, mentiras e, às vezes, confrontos violentos.

Para os pais, é difícil abdicar da autoridade e do comando que exerciam sobre o ente filho e, com isso, ter de tolerar atitudes e valores contrários às suas crenças. Muitos tratam o adolescente como se ele ainda fosse criança e tentam impor sua autoridade, apoiando-se sobretudo na dependência financeira, que o adolescente ainda tem. Isso abrange quase tudo: escolha profissional, atitudes dentro e fora de casa, viagens, companhias, comportamento sexual, religiões, colégios, vestimentas etc.

Essa tentativa de impor autoridade é questionada e confrontada pelo adolescente, que, cada vez mais, quer liberdade e autonomia em todos esses itens. São embates difíceis, com muita carga emocional, decepções, desrespeito de ambas as partes, chegando às vezes, lamentavelmente, a agressões físicas, castigos humilhantes ou até mesmo ao rompimento de relações.

Para o adolescente, também é um confronto deveras difícil, pois ele quer liberdade e autonomia, mas a dependência financeira e de moradia são fatores limitantes. Isso faz que ele tenha obrigatoriamente de entrar em contato com o mundo adulto, da sobrevivência e do trabalho, deixando de lado uma série de ilusões e idealizações infantis, tanto em relação aos pais como às regras da vida e do mundo adulto. Isso causa preocupações,